

MARCADORES SOCIAIS DA DIFERENÇA E A EDUCAÇÃO FÍSICA CULTURAL NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DOCENTE: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

SOCIAL MARKERS OF DIFFERENCE AND CULTURAL PHYSICAL EDUCATION IN TEACHING PRACTICE: AN INTEGRATIVE REVIEW

MARCADORES SOCIALES DE LA DIFERENCIA Y LA EDUCACIÓN FÍSICA CULTURAL EN LA PRÁCTICA PEDAGÓGICA DOCENTE: UNA REVISIÓN INTEGRADORA

Victor Facio Bicalho e Silva¹
Ayra Lovisi Oliveira²
Arthur Venâncio da Silva³
Guilherme Henrique Bibiano Honório⁴

RESUMO: Nos séculos XIX e XX, a Educação Física passou por importantes transformações epistemológicas culminando no surgimento de propostas curriculares que compreendem as práticas corporais como produções histórico-culturais. Entre elas, destaca-se a Educação Física Cultural, fundamentada nas teorias pós-críticas da educação, que busca promover o reconhecimento das diferenças e a formação de sujeitos críticos, solidários e politicamente engajados. Objetivo: analisar os marcadores sociais da diferença presentes na literatura científica relacionada ao Currículo Cultural da Educação Física Escolar, publicada entre 2019 e 2023. Metodologia: trata-se de uma pesquisa qualitativa, desenvolvida por meio de revisão integrativa da literatura. Foram analisadas 32 publicações selecionadas no site do Grupo de Pesquisas em Educação Física Escolar (GPEF/USP) e nos anais do CONBRACE/CONICE, sendo a amostra final composta por 20 artigos da categoria prática pedagógica. As análises seguiram os procedimentos da análise de conteúdo. Resultados: as publicações evidenciaram a problematização de marcadores como gênero, raça, etnia, classe social, religião, sexualidade, corpo e deficiência, favorecendo a desconstrução de preconceitos e a valorização da diversidade nas práticas corporais. A deficiência foi o marcador menos abordado, indicando uma lacuna. Conclui-se que o Currículo Cultural fortalece práticas pedagógicas comprometidas com a justiça curricular, o reconhecimento das diferenças e a formação crítica.

1

Palavras-chave: Educação Física. Currículo. Cultura. Diferença.

¹Bacharel e Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

²Doutora em Educação Física pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Professora orientadora da Universidade Federal de Juiz de Fora.

³Mestrando em Educação Física na Universidade Federal de Juiz de Fora.

⁴Licenciado em Educação Física na Universidade Federal de Juiz de Fora.

ABSTRACT: In the 19th and 20th centuries, Physical Education underwent significant epistemological transformations, culminating in the emergence of curricular proposals that view bodily practices as historical-cultural productions. Among these, Cultural Physical Education stands out; grounded in post-critical educational theories, it seeks to foster the recognition of differences and the development of individuals who are critical, socially conscious, and politically engaged. Objective: to analyze the social markers of difference present in scientific literature regarding the Cultural Curriculum in School Physical Education, published between 2019 and 2023. Methodology: this is a qualitative study conducted through an integrative literature review. Thirty-two publications were analyzed—selected from the School Physical Education Research Group (GPEF/USP) website and the CONBRACE/CONICE conference proceedings—with a final sample consisting of 20 articles in the pedagogical practice category. Analyses followed content analysis procedures. Results: the publications highlighted the problematization of markers such as gender, race, ethnicity, social class, religion, sexuality, body, and disability, thereby facilitating the deconstruction of prejudices and the valuing of diversity in bodily practices. Disability was the least addressed marker, indicating a gap in the literature. It is concluded that the Cultural Curriculum strengthens pedagogical practices committed to curricular justice, the recognition of differences, and critical development.

Keywords: Physical Education. Curriculum. Culture. Difference.

RESUMEN: En los siglos XIX y XX, la Educación Física experimentó transformaciones epistemológicas significativas, que culminaron en el surgimiento de propuestas curriculares que conciben las prácticas corporales como producciones histórico-culturales. Entre ellas destaca la Educación Física Cultural; fundamentada en teorías educativas poscríticas, busca fomentar el reconocimiento de las diferencias y el desarrollo de individuos críticos, socialmente conscientes y políticamente comprometidos. Objetivo: analizar los marcadores sociales de diferencia presentes en la literatura científica sobre el Currículo Cultural en la Educación Física escolar, publicada entre 2019 y 2023. Metodología: se trata de un estudio cualitativo realizado mediante una revisión integradora de la literatura. Se analizaron treinta y dos publicaciones —seleccionadas del sitio web del Grupo de Investigación en Educación Física Escolar (GPEF/USP) y de las actas de los congresos CONBRACE/CONICE—, obteniéndose una muestra final de 20 artículos en la categoría de práctica pedagógica. El análisis siguió procedimientos de análisis de contenido. Resultados: las publicaciones destacaron la problematización de marcadores como género, raza, etnia, clase social, religión, sexualidad, cuerpo y discapacidad, facilitando así la deconstrucción de prejuicios y la valorización de la diversidad en las prácticas corporales. La discapacidad fue el marcador menos abordado, lo que indica una laguna en la literatura. Se concluye que el Currículo Cultural fortalece las prácticas pedagógicas comprometidas con la justicia curricular, el reconocimiento de las diferencias y el desarrollo crítico.

Palabras clave: Educación Física. Currículo. Cultura. Diferencia.

INTRODUÇÃO

A Educação Física Escolar passou por importantes transformações ao longo dos séculos XIX e XX. Após sua inclusão oficial no currículo escolar brasileiro, em 1851, por meio da Reforma Couto Ferraz, consolidou-se uma concepção fortemente influenciada pelos métodos ginásticos europeus, pelo higienismo, militarismo e, posteriormente, pelo esportivismo. A partir da década de 1970, novas propostas curriculares, como o currículo desenvolvimentista, a psicomotricidade e o movimento da saúde renovada, ampliaram as finalidades da disciplina, porém permaneceram centradas no desenvolvimento das capacidades motoras, da aptidão física e da aprendizagem esportiva (Neves, 2018). Embora tenham contribuído para a consolidação da Educação Física como componente curricular, essas perspectivas reforçaram padrões culturais hegemônicos, privilegiando determinados corpos, gestos e formas de participação, além de perpetuarem processos de exclusão, preconceito e estigmatização das diferenças (Neira, 2018).

Já na década de 1980, impulsionadas pelas teorias críticas da educação, emergiram propostas que passaram a compreender as práticas corporais como produções histórico-culturais, ampliando o olhar da Educação Física para além do desempenho motor e problematizando os processos de produção e legitimação dos conhecimentos (Neira, 2016). Porém, apesar dos avanços epistemológicos, essas abordagens ainda mantiveram, em muitos contextos, a valorização de gestualidades tecnicamente padronizadas, limitando a externalização da manifestação e expressão cultural e corporal do aluno, assim como o potencial de ampliação e aprofundamento dos conteúdos a partir das diferentes vivências (Duarte; Neira, 2020; Neves, 2018).

Impulsionados por essas discussões, no século XXI, emerge a proposta da Educação Física Cultural, também denominada Currículo Cultural da Educação Física, fundamentada nas teorias pós-críticas e sustentada pelo multiculturalismo crítico, pelos estudos culturais, pelo pós-estruturalismo e pelo pós-colonialismo (Nascimento; Neira, 2023). Diferentemente das abordagens anteriores, essa perspectiva compreende as práticas corporais como artefatos culturais produzidos nas relações sociais e busca promover a formação de sujeitos críticos, solidários e politicamente engajados, reconhecendo que os diferentes modos de viver, praticar e significar as manifestações corporais são atravessados por relações de poder existentes na sociedade. Assim, o currículo cultural está diretamente relacionado com os desafios contemporâneos, como por exemplo, a promoção da reflexão crítica, associada aos diferentes

marcadores sociais (gênero, sexo, raça, religião, dentre outros) e suas respectivas ocorrências presentes nas práticas corporais, considerando a cultura e o ambiente em que os alunos estão inseridos (Neves, 2018).

Entre seus principais pressupostos está a valorização das diferenças culturais e o questionamento dos discursos que historicamente legitimaram determinadas práticas corporais em detrimento de outras. Fundamentados no multiculturalismo crítico que rejeita a ideia de superioridade entre culturas e propõe a problematização das relações de poder responsáveis pela produção das desigualdades sociais, e nos estudos culturais que compreendem a cultura como espaço de disputa por significados e identidades (Neira; Nunes, 2009). E no pós-estruturalismo evidenciando que os significados não são fixos, mas produzidos continuamente nas relações sociais, permitindo compreender como preconceitos, estereótipos e classificações são construídos e naturalizados (Neira; 2016). Complementarmente, a perspectiva pós-colonial problematiza a hegemonia dos referenciais eurocêtricos presentes na escola e defende a valorização das práticas corporais produzidas por grupos historicamente marginalizados (Neira, 2019).

Em relação aos marcadores sociais, também chamados de marcadores sociais da diferença, estes são caracterizados como sistemas de classificação e identificação dos indivíduos em determinadas categorias sociais referentes aos diferentes aspectos da diversidade humana, como por exemplo: gênero, sexo, raça, etnia, religião, classe social, deficiência, tempo de escolarização, dentre outros. Essas categorias não surgiram de maneira natural, foram construídas socialmente e estão relacionadas às relações de poder, bem como ao contexto histórico que as envolvem. Como consequência, fazem parte de um constante processo de disputas por seus significados (Neira, 2012).

Além disso, embora as diferenças e as desigualdades sejam comuns na sociedade, alguns indivíduos utilizam-se das mesmas para perpetuar a discriminação, a hierarquização, o preconceito e diversos estereótipos. Vale destacar que, um ou mais marcadores sociais sempre estão interligados, como por exemplo, as relações de gênero e raça, ou então sexo, raça e classe social. Cabe ao docente relacionar as práticas corporais tematizadas aos marcadores sociais da diferença que as atravessam, promovendo a leitura e a interpretação crítica das diferentes realidades culturais e das relações de poder nelas presentes. Desse modo, busca-se reconhecer e valorizar as diferenças entre os indivíduos, bem como problematizar e desconstruir discursos

discriminatórios, preconceitos e estereótipos que hierarquizam determinadas práticas corporais em detrimento de outras (Zamboni, 2014; Moreira, 2001).

Dessa forma, a proposta da Educação Física Cultural busca romper com essas hierarquizações por meio de princípios como a justiça curricular, a descolonização do currículo, o reconhecimento do patrimônio cultural corporal da comunidade, a ancoragem social dos conteúdos e a valorização dos saberes produzidos pelos estudantes. Dessa forma, o trabalho pedagógico deixa de enfatizar exclusivamente a aprendizagem técnica das práticas corporais e passa a favorecer processos de problematização, ampliação, aprofundamento e ressignificação dos conhecimentos, possibilitando que os estudantes compreendam criticamente os discursos e as relações de poder que atravessam a cultura corporal (Nascimento; Neira, 2023; Duarte; Neira, 2020).

Porém, apesar da crescente produção científica sobre a Educação Física Cultural, observa-se que ainda são limitadas as pesquisas que sistematizam de maneira específica como os marcadores sociais da diferença vêm sendo abordados na prática pedagógica docente. A compreensão dessas produções torna-se relevante por subsidiar professores e pesquisadores na elaboração de práticas comprometidas com o reconhecimento das diferenças, o enfrentamento das desigualdades e a construção de uma Educação Física mais democrática e socialmente referenciada.

5

Diante desse cenário, a atual pesquisa tem como objetivo verificar os marcadores sociais da diferença presentes na literatura científica relacionada ao Currículo Cultural da Educação Física Escolar, publicada entre os anos de 2019 e 2023, buscando identificar de que maneira essas categorias têm sido mobilizadas nas produções acadêmicas e quais contribuições oferecem para a prática pedagógica da Educação Física Escolar.

MÉTODOS

O presente estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa descritiva, caracterizada pela exploração aprofundada de conceitos e significados, buscando compreender as múltiplas perspectivas envolvidas. Assim, permitindo uma maior flexibilidade analítica, essa abordagem favorece a inclusão de diferentes visões e a reformulação de categorias interpretativas ao longo do processo, objetivando ampliar a compreensão sobre o fenômeno investigado (Godoy, 1995).

Dessa forma, a pesquisa caracteriza-se como uma revisão integrativa da literatura, método que possibilita a síntese e a análise de evidências empíricas e teóricas por meio da coleta,

organização e interpretação sistematizada de produções científicas sobre uma temática específica. Essa abordagem permite uma compreensão ampliada do objeto investigado, favorecendo o aprofundamento das discussões, a interpretação crítica dos achados e a produção de novos conhecimentos e contribuições para a Educação Física Cultural (UNESP, 2015; Benites et al., 2015; Rodrigues; Sachinski; Martins, 2022; Valle; Ferreira, 2024).

Para a identificação das publicações, realizou-se uma busca no site do Grupo de Pesquisas em Educação Física Escolar da Universidade de São Paulo (GPEF/USP) e nos anais do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e Congresso Internacional de Ciências do Esporte (CONBRACE/CONICE)⁵ na sessão do Grupo de Trabalho Temático Escola (GTT – Escola); este último foi escolhido por reunir produções relevantes sobre a Educação Física Cultural. Foram selecionados os estudos publicados entre os anos de 2019 e 2023.

A seleção dos estudos considerou como critério de inclusão investigações que abordassem diretamente os marcadores sociais da diferença no contexto da Educação Física Cultural. Foram excluídas publicações duplicadas, indisponíveis na íntegra, publicadas fora do período estabelecido, além de ensaios e relatos de experiência. A busca foi realizada por meio do cruzamento de descritores específicos da área, a saber: "Marcadores Sociais", "Marcadores Sociais da Diferença", "Educação Física Cultural", "Currículo Cultural da Educação Física" e "Currículo Cultural". Também foram incluídos estudos que utilizavam apenas o termo isolado "marcadores", desde que o seu conteúdo estivesse diretamente relacionado aos marcadores sociais da diferença, conforme a análise do contexto do documento.

Posteriormente foram feitas as análises dos dados realizadas por meio da análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin, que tem a finalidade de encontrar novos significados profundos que envolvem os dados coletados na pesquisa, de modo contínuo e progressivo. Respeitando as fases de: pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados, inferência e interpretação dos dados (Bardin, 1977; Godoy, 1995).

Optamos por organizar a análise dos resultados inicialmente pelos artigos que utilizavam somente um marcador social ao longo do texto. Posteriormente, foram analisados os artigos que citavam mais de um marcador social. E a contabilização de citação se deu de

⁵ O CONBRACE/CONICE é um evento de caráter bienal. Dessa forma, dentro do recorte temporal estabelecido para esta pesquisa (2019-2023), foram analisados os anais correspondentes às edições realizadas nos anos de 2019, 2021 e 2023

acordo com as categorias de análise, exemplo, número de artigos que apresentavam o marcador social gênero, etnia e assim sucessivamente.

RESULTADOS

Referente aos artigos selecionados para a análise, os resultados obtidos foram: no GTT – Escola, no ano de 2019, dentre trezentos e quarenta e um (341) documentos, três (3) foram selecionados; no ano de 2021, dentre cento e cinquenta e oito (158), dois (2) documentos foram selecionados; por fim, no ano de 2023, de duzentos e noventa e oito (298) documentos, apenas dois (2) foram selecionados. No que se refere aos documentos presentes no site do GPEF, publicados no período de 2019 a 2023, de cento e trinta e três documentos (133), vinte e seis (26) foram selecionados. Totalizando trinta e três (33) documentos para o presente estudo. Na Figura 1, está a representação gráfica:

Figura 1: Número de Publicações encontradas



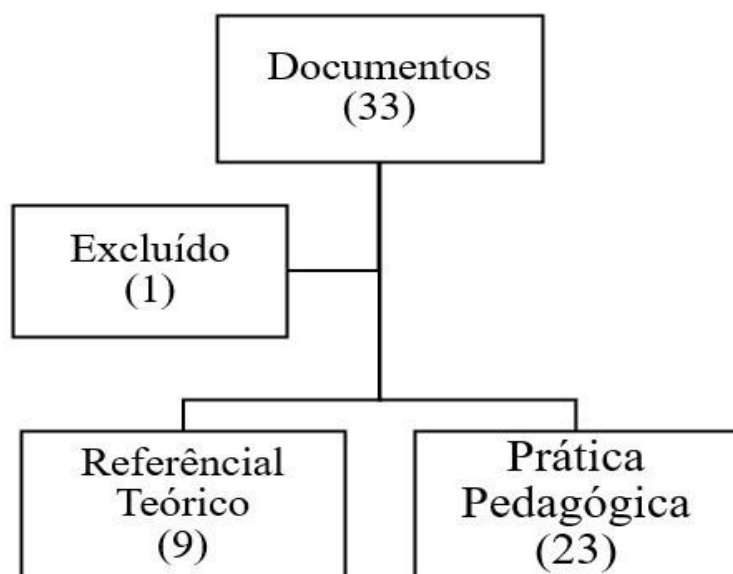
Fonte: Realizado pelos Autores

Após a leitura flutuante dos trinta e três (33) documentos selecionados, um (1) foi excluído por não atender aos critérios de inclusão. Os trinta e dois (32) documentos restantes foram divididos em duas categorias de análise: “Referencial Teórico” e “Prática Pedagógica”. Trabalhos que aprofundam na teoria da Educação Física Cultural e exploram os marcadores sociais, ou apenas os citam, enquadram-se na categoria “Referencial Teórico”.

Por outro lado, os trabalhos que aprofundam nas teorias da Educação Física Cultural e apresentam os marcadores sociais relacionados à prática pedagógica docente enquadram-se na categoria “Prática Pedagógica”. Dessa forma, 9 documentos foram classificados no grupo

"Referencial Teórico", enquanto os 23 restantes foram classificados no grupo "Prática Pedagógica". Na Figura 2, estão representados os resultados e suas respectivas classificações.

Figura 2: Resultados



Fonte: Realizado Pelos Autores

Devido ao número de dados encontrados, optou-se para o espaço dessa pesquisa focar as análises na categoria "Prática Pedagógica", devido a maior proximidade com a realidade dos professores. Após a leitura aprofundada das 23 publicações presentes na categoria, 3 foram excluídos por não trabalharem diretamente os marcadores sociais na prática pedagógica do professor, ou então, serem resumos apresentados em congressos de artigos publicados na íntegra que também foram selecionados para o presente estudo, restando 20 publicações.

Das publicações selecionadas, para categorização e análise, foram contabilizados todos os marcadores sociais distintos presentes em cada estudo publicado, desconsiderando eventuais repetições dentro de um mesmo estudo. Verificando-se: 14 relacionados à gênero, 13 relacionados a etnia, 12 relacionados a raça, 11 relacionados a classe, 9 relacionados a religião, 7 relacionados a sexualidade, 7 relacionados ao corpo e 3 relacionados a deficiência. Conforme expressa a Figura 3

Figura 3: Marcadores Sociais da Diferença



Fonte: Realizado Pelos Autores

DISCUSSÃO

A análise das publicações revelou que alguns estudos problematizaram exclusivamente um único marcador social ao longo de todo o texto. Esse foi o caso do marcador social de classe, presente em três publicações, e do marcador social de gênero, identificado em apenas um estudo.

Com o objetivo de facilitar a compreensão e conferir maior organização à apresentação dos resultados, as análises foram estruturadas em dois subitens: "Publicações que problematizaram apenas um marcador social" e "Publicações que problematizaram diversos marcadores sociais".

4.1 Publicações que problematizaram apenas um marcador social

CLASSE SOCIAL

Em relação as publicações que problematizaram apenas os marcadores sociais de classe, a pesquisa desenvolvida por Neira e Souza (2022) realiza um levantamento das experiências pedagógicas docentes desenvolvidas durante a pandemia de COVID-19 no ano de 2020. Após a análise pode-se observar que a pandemia intensificou desigualdades relacionadas ao marcador social de classe, sobretudo em acessos a tecnologias e participações nas atividades pedagógicas,

uma vez que docentes de escolas públicas relataram maiores preocupações com os processos pedagógicos do que aquelas observadas em instituições privadas.

No estudo desenvolvido por Lima e Neira (2019), os autores analisam a tematização do boliche realizada com uma turma de 4º ano do Ensino Fundamental como estratégia para problematizar o marcador social de classe. Durante as aulas, foram promovidos questionamentos sobre a localização das pistas de boliche e sua implantação inicial na cidade, concentradas em bairros ocupados por grupos socialmente mais favorecidos, levando os estudantes a refletirem sobre as relações entre a modalidade e a classe social historicamente associada à sua prática. Ao final, os autores destacam que a tematização possibilitou a problematização desse marcador social, mas ressaltam a necessidade de ampliar o trabalho pedagógico para contemplar outros marcadores sociais da diferença.

Já Maldonado e Neira (2022) buscaram analisar as contribuições da Educação Física Escolar e do sistema educacional da Região Metropolitana de São Paulo para a redução das desigualdades e a promoção da justiça social, por meio da análise de 22 relatos de experiência que abordavam intervenções pedagógicas relacionadas às desigualdades socioeconômicas nas práticas corporais.

Os resultados evidenciaram problematizações em manifestações como o boliche, o tênis, a ioga, os videogames, os jogos de tabuleiro, os jogos de cartas e o futebol de várzea, favorecendo a reflexão crítica sobre as desigualdades econômicas que atravessam essas práticas e sobre as relações de poder associadas às diferentes condições socioeconômicas dos seus praticantes. Além disso, embora as intervenções apresentassem diferentes organizações pedagógicas, alguns docentes buscaram valorizar práticas corporais historicamente marginalizadas pelos grupos socialmente hegemônicos, reconhecendo sua relevância cultural, histórica e identitária. Dessa forma, as experiências contribuíram para a descolonização do currículo e para o questionamento da centralidade das manifestações legitimadas pela cultura dominante.

Assim, a análise dos estudos que problematizaram o marcador social de classe revelou que todos estabeleceram relações entre as práticas corporais e as desigualdades socioeconômicas, promovendo reflexões sobre os custos envolvidos em sua prática, os espaços em que são ofertadas e o modo como determinadas manifestações corporais são historicamente associadas à distinção entre classes sociais. Além disso, observa-se que as práticas corporais tematizadas, como o boliche, diferenciando-se daquelas tradicionalmente privilegiadas nas

aulas de Educação Física. Essa escolha evidencia o compromisso dos docentes com o princípio da justiça curricular, ao ampliar a visibilidade de manifestações culturais pouco tematizadas no contexto escolar e problematizar as relações de poder que atravessam sua produção, acesso e valorização social.

GÊNERO

O trabalho desenvolvido por Nunes (2021) foi o único estudo que problematizou exclusivamente o marcador social de gênero. A pesquisa analisou o relato de experiência de um professor da Educação Básica que tematizou as lutas com três turmas do 3º ano do Ensino Fundamental, propondo inicialmente vivências da modalidade e promovendo discussões sobre as representações de gênero que emergiam durante as aulas. Nesse processo, os estudantes manifestaram discursos como "lutar é coisa de menino" e "menina não briga", enquanto algumas alunas demonstraram resistência em participar das atividades, evidenciando a influência de estereótipos historicamente construídos que associam determinadas práticas corporais ao gênero masculino. Para tensionar essas representações, o docente convidou uma estudante praticante de judô para compartilhar suas experiências e utilizou diferentes materiais didáticos para ampliar e aprofundar a tematização, favorecendo o contato dos estudantes com outras narrativas sobre as lutas.

11

Com isso o estudo feito pelos autores possibilitou problematizar as relações de poder que produzem e naturalizam desigualdades de gênero nas práticas corporais, rompendo com discursos binários e valorizando diferentes formas de participação. Dessa forma, o estudo evidencia princípios centrais do Currículo Cultural, ao reconhecer os saberes discentes, promover a leitura crítica das representações sociais e contribuir para a desconstrução de estereótipos que historicamente hierarquizam as práticas corporais e seus praticantes.

DEFICIÊNCIA

No que se refere ao marcador social da deficiência, as análises evidenciaram que esse foi o tema menos abordado nas publicações do período investigado. O estudo desenvolvido por Duarte (2021) investigou a prática pedagógica de professoras que atuavam em uma escola municipal de Educação Infantil na Zona Sul de São Paulo. Ao observar a tematização sobre futebol, observou-se que os estudantes construíram coletivamente estratégias para possibilitar a participação de uma colega com deficiência múltipla e usuária de cadeira de rodas. Segundo

o autor, essa iniciativa revelou atitudes de solidariedade, reconhecimento e valorização das diferenças, evidenciando o protagonismo dos estudantes na construção de práticas mais inclusivas. Embora a problematização da deficiência tenha ocorrido de forma pontual ao longo do estudo, observa-se que ela emergiu das interações estabelecidas durante a aula e não de uma intencionalidade pedagógica previamente planejada pelo docente.

Sob outra perspectiva, Martins (2019) apresenta relatos de estudantes que, ao estabelecerem contato com colegas com deficiência, desconstruíram e ressignificaram suas percepções, rompendo com estereótipos negativos e demonstrando maior reconhecimento das diferenças e das individualidades. Em relação à atuação docente, o autor destaca a organização de estratégias pedagógicas voltadas à inclusão desses estudantes, estruturando as aulas em momentos previamente definidos, como a formação inicial em círculo, o desenvolvimento das atividades propostas e o retorno ao círculo para o encerramento e a realização de alongamentos. Tais estratégias evidenciam a importância de um planejamento pedagógico pautado em princípios inclusivos e equitativos, favorecendo a participação de todos os estudantes nas aulas de Educação Física.

Nesse sentido podemos inferir com base nas análises que, o marcador social relativo à deficiência, ao ser abordados nos trabalhos analisados não são propostos como tema centrais a serem problematizados nas aulas, emergem da busca de soluções para inclusão dos alunos com deficiências nas aulas, podendo partir dos professores e/ou alunos. Fato que pode revelar uma lacuna nos estudos analisados.

4.2 Publicações que problematizaram diversos marcadores sociais

Dos estudos incluídos em nossas análises, oito apresentaram menções e/ou discussões sobre cinco ou mais marcadores sociais distintos ao longo do texto.

No estudo desenvolvido por Neira (2020), foram analisados 23 relatos de experiência que evidenciam práticas pedagógicas comprometidas com a valorização das diferenças, contemplando os marcadores sociais de gênero, sexualidade, raça, etnia, classe, corpo e religião. As experiências relatadas problematizaram preconceitos e desigualdades presentes em diversas práticas corporais, como o basquete, a capoeira, o samba e o maracatu, além de promoverem discussões sobre a inclusão de estudantes estrangeiros, a desconstrução de padrões estéticos hegemônicos e os estereótipos de gênero associados às práticas corporais. Também foram abordadas questões relacionadas à intolerância religiosa, à homofobia, à transfobia e aos

processos de exclusão social, por meio de intervenções pedagógicas que favoreceram o diálogo, a problematização dos discursos discriminatórios e a construção de ambientes escolares mais inclusivos e democráticos.

Após a análise, fica evidente que os princípios ético-políticos da educação física cultural são explicitamente trabalhados ao longo do texto, entretanto, destaca-se a importância da enunciação dos saberes discentes, pois se não houvessem as manifestações, e uma multiplicidade de sentidos atribuídos nas práticas estudadas, dificilmente os conteúdos seriam explorados da mesma forma e profundidade.

O estudo desenvolvido por Santos Júnior e Neira (2019) também apresentam diferentes relatos de experiência que evidenciam a problematização de diversos marcadores sociais da diferença por meio da tematização das práticas corporais. As intervenções pedagógicas contemplaram discussões sobre raça e classe na tematização do tênis; gênero e violência no caratê; preconceitos religiosos relacionados ao maracatu; preconceitos corporais nas ginásticas de academia; e relações homoafetivas a partir da dança sertaneja. Além disso, um dos relatos problematizou os padrões sociais de representação ao apresentar imagens de heróis e princesas que rompiam com estereótipos amplamente difundidos, incluindo personagens negros, pessoas gordas, pessoas com deficiência, homens representados como princesas e mulheres em papéis tradicionalmente atribuídos aos homens, promovendo reflexões acerca dos marcadores sociais de raça, etnia, gênero, sexualidade e deficiência.

13

As experiências analisadas evidenciam que a tematização das práticas corporais foi utilizada como estratégia para tensionar discursos discriminatórios historicamente naturalizados e ampliar as possibilidades de representação dos diferentes grupos sociais. Sob a perspectiva do Currículo Cultural, tais intervenções favorecem a ancoragem social dos conteúdos ao aproximar o ensino das problemáticas vivenciadas pelos estudantes, contribuindo para o reconhecimento e a valorização das diferenças e para o enfrentamento do daltonismo cultural, que tende a invisibilizar as relações de poder e as desigualdades presentes no contexto escolar.

Diante dos achados mapeados nesses oito estudos analisados, torna-se evidente a urgência de correlacionar a cultura corporal a tais marcadores, como forma de desestruturar os mecanismos que moldam opiniões preconceituosas na sociedade, reposicionando o papel do docente e revelando sua relevância na condução de debates democráticos.

Com base no cenário mapeado nesta pesquisa, fica evidente que, durante as aulas e a tematização das práticas corporais, as ocorrências sociais ligadas a gênero, deficiência e corpo aparecem de forma contínua no cotidiano escolar. Diante disso, cabe ao professor, inspirado pelos princípios da Educação Física Cultural, buscar subsídios para explorar as problemáticas que envolvem essas categorias, posicionando-se a favor das diferenças e intervindo frente aos desafios de uma sociedade plural e profundamente desigual. Essa constatação vai ao encontro do que defende Neira (2021) ao analisar o surgimento dessas dinâmicas no ambiente escolar.

CONCLUSÃO

Diante dos estudos analisados, pode-se concluir que dentre os marcadores sociais da diferença, o marcador “deficiência” foi menos trabalhado nas aulas de educação física em relação aos demais documentos verificados no período de 2019 a 2023. O que não significa que os professores não estejam adaptando suas aulas ou deixando de incluir estudantes com deficiência, apenas não problematizam diretamente o marcador “deficiência” durante as tematizações.

Dentre os relatos de experiência presentes nos artigos, observa-se que a Educação Física Cultural esteve articulada às práticas em todos os momentos, mantendo e ressaltando seus princípios ético-políticos. Em relação às bases teóricas, os estudos incorporam abordagens pós-críticas que ampliam as discussões sobre a valorização da diversidade, visando potencializar a transformação do ambiente escolar em um espaço mais inclusivo, democrático e atento às diferenças existentes em nossa sociedade.

De modo geral, os estudos analisados evidenciam que a problematização dos marcadores sociais da diferença nas tematizações da Educação Física Cultural contribui para o reconhecimento e a valorização das diferentes identidades e manifestações culturais presentes no contexto escolar. Ao tensionar discursos e estereótipos historicamente naturalizados, essas intervenções favorecem a ampliação do repertório cultural dos estudantes e a ressignificação de concepções previamente estabelecidas sobre as práticas corporais e seus praticantes. Dessa forma, o Currículo Cultural consolida-se como uma proposta pedagógica comprometida com a formação de sujeitos críticos e democráticos, capazes de reconhecer as diferenças como constitutivas da vida em sociedade e de questionar as relações de poder que produzem desigualdades e processos de exclusão.

Sendo assim, a pesquisa realizada contribui para que os professores de Educação Física se atualizem sobre a abordagem dos marcadores sociais da diferença em suas aulas, buscando aprofundar e ampliar seus conhecimentos sobre o tema e utiliza-los tanto dentro quanto fora do ambiente escolar, possibilitando a construção de novas formas de experiências e significados ligados às práticas corporais.

REFERÊNCIAS

- BARDIN L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BENITES LC, et al. Análise de conteúdo na investigação pedagógica em Educação Física: estudo sobre estágio curricular supervisionado. *Movimento*, 2016; 22(1): 35-50.
- DUARTE LC. Educação Física cultural na Educação Infantil: imagens narrativas produzidas com professoras e crianças. In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 22.; Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 9.; 2021. Anais... 2021.
- DUARTE LC, NEIRA MG. Currículo cultural da Educação Física: a produção de uma pedagogia engajada. *Revista Humanidades & Inovação*, 2020; 7(8): 282-300.
- GODOY AS. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *Revista de Administração de Empresas*, 1995; 35(3): 20-29.
- JÚNIOR FNS, NEIRA MG. Contribuições do pós-colonialismo para o currículo cultural da Educação Física. *Educação*, 2019; 44: 1-24.
- LIMA ME, NEIRA MG. Formação e atuação no currículo cultural da Educação Física: fios que se entrelaçam. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 2019; 14(1): 208-221.
- MALDONADO DT, NEIRA MG. Práticas corporais, justiça social e Educação Física: análise das experiências de docentes da educação básica. *Motrivivência*, 2022; 34(65).
- MARTINS JCJ. Educação Física, currículo cultural e a Educação de Jovens e Adultos: novas possibilidades. In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 21.; Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 8.; 2019. Anais... 2019.
- MOREIRA AFB. A recente produção científica sobre currículo e multiculturalismo no Brasil (1995-2000): avanços, desafios e tensões. *Revista Brasileira de Educação*, 2001; 18: 65-81.
- NASCIMENTO AS, NEIRA MG. Currículo cultural da Educação Física: princípios ético-políticos e situações didáticas. In: NEIRA MG. *Escrivivências da Educação Física cultural*. São Paulo: FEUSP, 2023; p. 11-30.
- NEIRA MG. A abordagem das diferenças no currículo cultural da Educação Física. *Revista Humanidades & Inovação*, 2020; 7(10): 39-56.

NEIRA MG. Educação Física cultural: carta de navegação. *Arquivos em Movimento*, 2016; 12(2): 82-103.

NEIRA MG. Educação Física cultural: inspiração e prática pedagógica. 2. ed. Jundiaí: Paco Editorial, 2019.

NEIRA MG. O currículo cultural da Educação Física: pressupostos, princípios e orientações didáticas. *e-Curriculum*, 2018; 16(1): 4-29.

NEIRA MG. O trabalho com relatos de experiência na formação inicial: por que é "muito importante ouvir os educadores da escola pública". *Revista Interinstitucional Artes de Educar*, 2021; 7(1): 116-131.

NEIRA MG. Teorias pós-críticas da educação: subsídios para o currículo da Educação Física. *Dialogia*, 2012; 14: 195-206.

NEIRA MG, NUNES MLF. Educação Física, currículo e cultura. São Paulo: Forte, 2009.

NEIRA MG, SOUZA RAP. A Educação Física cultural em tempos de isolamento social. *Motrivivência*, 2022; 34(65): 1-16.

NEVES MR. O currículo cultural da Educação Física em ação: efeitos nas representações culturais dos estudantes sobre as práticas corporais e seus representantes. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018; 198 p.

NUNES HCB. O trabalho com a diferença na Educação Física escolar. *Kinesis*, 2021; 39(1).

RODRIGUES ASP, et al. Contribuições da revisão integrativa para a pesquisa qualitativa em Educação. *Linhas Críticas*, 2022; 28: e40627.

UNESP. Tipos de revisão de literatura. 2015.

VALLE PRD, FERREIRA JL. Content analysis in the perspective of Bardin: contributions and limitations for qualitative research in education. *SciELO Preprints*, 2024.

ZAMBONI M. Marcadores sociais da diferença. *Sociologia: Grandes Temas do Conhecimento*, 2014; 1: 14-18.